

Ecclesia



Julho de 1952

Ano 4.º

N.º 16



Rev. Cândido Joaquim de Sousa
(1855-1905)



- 1.º Presbítero reformado, ordenado episcopalmente em Portugal (1880)*
- 1.º Ministro da Congregação de S. Pedro, Lisboa (1886)*
- 2.º Presidente do Sinodo da Igreja Lusitana (1902)*

(**Ecclesia** chama a atenção para o facto de dentro de três anos se dever solenizar o centenário do nascimento deste consagrado obreiro cristão)

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64729

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Rua 14 de Outubro, 388 -- VILA NOVA DE GAIA -- Tel. 710995

Novos Processos de Controvérsia

A literatura de controvérsia anti-reformada entrou em Portugal num período novo, de certa serenidade e de evidente honestidade de processos.

Era tempo de se comprovar a cultura dos guias mentais que, até há pouco, ou se calavam, se sabiam o que é lealdade na discussão, ou se esqueciam do respeito que nós devemos uns aos outros, e produziam então esses aleijões que estão na memória de muitos de nós. Por exemplo: as famosas mistificações de Guilherme Cobbett e de Frei Celestino de Pedavoli, que se faziam passar, para maior efeito, o primeiro por velho protestante, e o segundo por "um neófito da religião evangélica". Ou o "Catecismo contra o Protestantismo" do Cardeal de Cuesta, onde se deforma desta maneira (na versão portuguesa, a que conhecemos) um conselho do Divino Mestre àcerca de quem, depois de exortado, persista no mal: "Tende-o por um pecador e... um publicano..." (Vide S. Mateus 18:17). E não falaremos agora das pastorais do Cardeal-

-bispo do Porto e do bispo-conde, e da pastoral colectiva, a que não nos foi possível responder cabalmente, em dias perturbados. São documentos arquivados nas colecções nacionais para quem um dia quiser exumá-los e escrever a "História da Intolerância Inciente", ou da "Incência Intolerante".

Essa sempre desejada lealdade que nos norteia desde início obriga-nos também a dizer que é tempo de usar, do lado anti-romano (e do agnóstico e anti-religioso) de calma, brandura e verdade, verdade inteira, para que se não ponha nas mãos de adversários fortes e astutos, argumentos de efeito contra-producente.

A leitura de dois bons livros recentes nos levaram a principiar estas linhas com uma afirmação de optimismo, que oxalá se possa sempre manter. Os livros a que nos referimos são: "O Protestante Lusitano, Estudo biográfico e crítico sobre o Cavaleiro de Oliveira", "MDCCII-MDCCCLXXXIII", por António Gonçalves Rodrigues, Separata de "Biblos", Coimbra, 1950, 400 ps. in 4.º. E "Lutero Visto pelos Católicos".

SUMÁRIO DO N.º 16

Novos processos de controvérsia . . .	1
Reminiscências e Perspectivas . . .	3
Orientação Divina, Rev. E. Deslandes . . .	5
O que somos, Rev. Dr. L. R. Pereira . . .	6
No Atrio—Na Nave (Hinos comemorativos)	7
O problema da família cristã . . .	8
Na Seara	9
Lauda poética: Apólogo de hoje . . .	10
Respigos: O sacerdote cristão . . .	11
O Livro e os Livros	12

Pelo Prof. Johannes Hessen, da Universidade de Colónia. Tradução Portuguesa do Prof. L. Cabral Moncada, da Universidade de Coimbra. Ed. Arménio Amado, Coimbra, 1951. 124 ps. in 8.º

Principiemos por referir este último livro. É estudo notável, trabalhado, no original e na versão, por professores universitários. Anti-reformista, evidentemente. Mas que longe está das cavilações fradescas, dos sermões de aldeia e das incompletas referências de historiadores e críticos de responsabilidade, destes quatro últimos séculos!

Trata-se duma nova atitude romana perante Lutero, que gostaríamos de estudar largamente, nuns "Elementos para uma Luteriana Portuguesa", nós que não somos luteranos mas amigos da verdade. Aqui, só umas vagas impressões são possíveis, a partir do agradecimento que se deve à dedicatória do Autor: "Aos meus amigos evangélicos".

Logo no prefácio da 2.ª edição alemã, datada da Páscoa de 1949, tem o Autor de jogar um bote a dois Padres Jesuítas, os Revv. Pribilla e Rahner, que lhe dão "a impressão de que a Ordem da Contra-reforma, mesmo na pessoa dos mais modernos dos seus filhos, ainda não conseguiu vencer em si toda a apaixonada prevenção contra a Reforma". E acrescenta: "Em presença desta marcha a fileiras cerradas" da Companhia de Jesus, mal podemos deixar de pensar que nos achamos aqui diante de determinadas instruções emanadas do seu comando supremo".

Definições excelentes, como entre outras, esta, de "católico": "omnicomprensivo"; nobres confissões, como a da devassidão, da crueza e da ostentação de certos papas, assim como a da corrupção do povo no século XVI, que o Reformador teve de enfrentar; mas principalmente a crítica às evoluções sucessivas de opinião romana acerca de Lutero: a do dominicano Denifle (Lutero-homem mau), à qual antepõe a dos historiadores Grauert e Merkle, negando essa maldade; a do jesuíta Grisar (Lutero-o doente da alma) a que opõe razões suas que prejudicam irremediavelmente a tese; depois os retratos feitos por Fr. X. Kiefl (Lutero-alma religiosa e "o mais poderoso instrumento da Providência"), e por A. Fischer, teólogo católico-romano (Lutero-homem de oração, "mestre da oração") e por fim o juízo do historiador, também católico-romano, Josef Lorz, em obra datada já de 1941 (Lutero, o autêntico homem religioso, "confessor da teologia da cruz").

Compreendem os leitores que estamos, menos que resumindo, dando alguns traços leves deste honesto ensaio, que todos nós, cristão de qualquer confissão, deveremos ler ao termos de terçar armas em discussão, antes de empunhar a velha e embotada espada do Pedro anterior ao "choro amargo" do arrependimento.

O outro livro... Mas como referi-lo aqui, em linhas que tem de ser necessariamente breves? Há tanto que elogiar, tanto que esmiuçar, tanto que contestar ou rectificar, não na matéria histórica, tão honestamente tratada, mas na crítica perspectivada pela atitude subjectiva, que teremos de prometer para um outro momento as nossas referências. Só diremos que dá gosto ler este livro precioso, por honestamente destruir os excessos críticos do sr. Aquilino Ribeiro acerca do "Cavaleiro do Oliveirã" e por nesta leitura se aferir a mente extremamente disciplinada do seu erudito Autor.

Um pensamento temos, ao fechar de novo o exemplar da obra que adquirimos: meditando bem as coisas, não se poderá dizer que o Protestantismo deu a Portugal um tal tipo de homem, como foi o "Cavaleiro", mas antes que Portugal, o Portugal do século XVIII, deu à Reforma esse em tudo tão curioso e em tantos pontos tão lamentável tipo.

Pequeno guia dos deveres do membro da Igreja

Todos os membros da Igreja, baptizados e confirmados, devem participar da vida e do testemunho da mesma Igreja. Para que o façais, recomendamos-vos a:

- Seguir o exemplo de Cristo no lar e na vida diária, dando um testemunho pessoal d'Ele;
- Ser regular na oração particular, dia a dia;
- Ler a Bíblia cuidadosamente;
- Vir à Igreja todos os Domingos;
- Receber a Sagrada Comunhão, fiel e regularmente;
- Prestar um serviço pessoal à Igreja, ao próximo e à comunidade;
- Dar dinheiro para o trabalho da paróquia e da diocese, bem como para a obra da Igreja, no país e no ultramar.

Geoffrey Cantuar :

Cyril Ebor :

[Arcebispos de Cantuaria e de Iorque]

O sr. Daniel Rops, escritor católico romano bem conhecido e acreditado, director literário da revista francesa "Ecclesia", entrevistou o ex.^{mo} Presidente do Conselho, e um dos nossos grandes quotidianos traduz a entrevista em 8 de Junho. Documento notável, dele destacamos o trecho em que se refere à Bíblia: "Os estudos bíblicos, a arqueologia e a história continuam a interessar o antigo mestre de Coimbra". A expansão da leitura da Bíblia nos centros católicos de França, prende-lhe a atenção e quando sabe que um editor do Porto se propõe fazer uma tradução portuguesa da edição francesa lançada pelo cardeal Lienart, Salazar comenta: "É uma excelente ideia". É com grande prazer que reproduzimos a notícia, e estamos certos, pela lição do passado, que serão os evangélicos os maiores consumidores da edição.

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

O Silvestre da Silva, de Camilo, no "Coração, Cabeça e Estômago" (p. 222, da 3.^a ed., 1907), "tinha lido a Bíblia, e não vira lá os patriarcas oferecendo ou pedindo amor às mulheres com quem se esposavam. Booz não diz a Rute que a ama. Jacob, com quanto dessimpatize com os olhos doentes de Lia, não se declara amoroso de Raquel..." etc. Pois este amigo Silvestre, como sucede com muita gente, não soube ler bem. Claro que não vemos na Bíblia a "Arte de Amar" do pagão Ovídio, nem os diálogos estudados do classicismo e do romantismo, nem as cruezas "comerciáveis" das escolas modernas. Mas quem não vê, ao ler o livro de Rute, esse poema bucólico encantador, ou, no Génesis, essa narrativa singela da vida de Sara e seu marido, o amor sadio e exemplar, feito de atenções e de "pudor viril" (engendrador do que chamamos hoje "cavalheirismo") de Abraão e de Booz, como afinal de Isaac e Jacob ?

Foi há um mês. No mesmo dia se prestaram homenagens a um vivo e a um morto. O vivo, felizmente vivo, presidente da Academia das Ciências; o morto, de maneira trágica, empresário do Coliseu dos Recreios. Não vamos estabelecer confrontos. Como cristãos poderíamos dizer que acima das fatais diferenças que a vida social estabelece, em ambos se manifestou uma vontade, uma sensibilidade, uma inteligência, uma alma, um sopro vindo de Deus e a caminho de Deus, quer queiramos quer não. Mas é outro agora o nosso escopo: o notar como falou **de outrem** o Dr. Augusto de Castro e como falou **de si** o Dr. Júlio Dantas. No primeiro caso: que singeleza oportuna e que sentido de proporção no louvor, que dignidade na análise, que elegância na expressão de saudade, que riqueza de emoção na mensagem dada! No segundo caso, que humildade sincera dum homem grande, que mede a sua pequenez de homem e assim mais se engrandece, e que perfeito exame das circunstâncias, que conhecimento dos homens e que controlo de si próprio se revelam nas suas belas e sãs palavras! Quando encontramos homens da nossa mesma estirpe que sabem assim **sentir** e **dizer**, então é quando nos invade uma plena satisfação de Deus nos ter feito também nascer portugueses.

Iria para Oxford se o não tivéssemos lobbri-gado, no catálogo de quem o expunha à venda: "O Psaltério, ou Salmos de David, como apontado a ler nas Igrejas" traduzido em língua portuguesa de Ceylon, e publicado por a Sociedade Bíblia de Colombo. A Colombo: Impressado na officina Wesleyano. 1821" (102 págs.) Encadernado no mesmo volume: "A forma da Oração Pública, e Administração dos Sacramentos, conforme o uso da Igreja Inglaterra. Juntamente com o Psaltério..." etc. Pelo Roberto Newstead, missionário wesleyano. A Colombo... etc. (44 págs.) O exame deste precioso livro mostra-no-lo como documento de ecumenismo flagrante, por sua origem anglicana e uso na missão metodista. Apesar de escrito em indo-português de Ceilão, merece ser cotejado com o nosso actual Livro de oração Comum, por quem tenha em breve de rever a 3.^a edição, a caminho de esgotada para a publicação da 4.^a.

Fez agora dezoito anos que foi julgado o bárbaro crime de Soalhães, na comarca do Marco de Canavezes. Em Fevereiro de 1933 "pessoas gradas" do referido lugar espancaram e queimaram viva, num "auto de fé" que emocionou os

portugueses civilizados, uma pobre mulher fanatizada. O principal réu declarou no tribunal, em sua defesa, que Arminda de Jesus, a vítima, quando lançada à fogueira, "pedia em altos gritos que lhe lançassem mais lume, pois queria ser purificada..." A maior alegação da defesa era que os réus "agiram sob a influência do "Livro de São Cipriano", que um dos réus lia aos outros. E todos esperavam a ressurreição da vítima". Esse julgamento é mais do que o julgamento de alguns energúmenos fanáticos: é o de uma sociedade inteira. Declarou uma das testemunhas que o abade da freguesia afirmara ter sido o crime obra dum aerólito, e outra lhe ouviu que fôra castigo do céu. Esta mesma, ao ser instada, afirmou que não acreditava no diabo, pois só cria no que via, e então o advogado, dessa forma, o levou a negar a sua própria existência... Porfim, para provar que os réus não estavam doidos, o delegado do Ministério Público evocou muito a propósito a Inquisição, que torturou e matou sem que se possa atribuir loucura aos seus agentes. E basta.



Um jovem pastor baptista, o sr. Himaim C. de Lacerda, num livro seu que não lemos ainda (pois em regra não se conhece em Portugal a actividade literária evangélica brasileira, o que é lamentável) livro intitulado "Voltaremos a Mississip" (Rio de Janeiro, 1948) chama ao conjunto de práticas e doutrinas penosamente reunidas através dos séculos pelos cristãos "mixórdia eclesiástica, ou doutrinária". É evidente que o autor não exclui da designação o partido religioso a que pertence; mas, de qualquer modo, é censurável o epíteto. "Mixórdia", termo plebeu, é uma mistura confusa, uma embrulhada sem nexos. Não se pode nem se deve aplicar, por exemplo, aos sacramentos, aos credos e confissões de fé, aos planos de acção cristã missionária. A primeira coisa em que um escritor deve primar é na propriedade dos termos.



Em Janeiro de 1936 o director de **Ecclesia** divulgou o esquecido facto de ser o responsável da versão bíblica portuguesa chamada "anónima", o Rev. Tomás Boys, capelão inglês em Portugal

durante a guerra peninsular, a quem, por ter aprendido um pouco da nossa língua, foi dado, pela Sociedade Bíblica Trinitária, de Londres, o encargo de voltar aqui para dirigir uma nova versão, que afinal foi uma revisão da versão de Almeida. A Sociedade Trinitária, fundada para combater a largueza de vistas da Sociedade Britânica e Estrangeira, por esta fazer edições de versões baseadas na "Vulgata", a par de outras feitas sobre os originais, e também por receber donativos de quaisquer cristãos, sem os distinguir pela doutrina que porventura tivessem, visou a nossa língua nos seus primeiros trabalhos, decerto por também ter a Britânica feito o mesmo. Tomás Boys contratou em Portugal dois (literatos esses, sim, ficaram anónimos e bem mal serviram quem lhes pagava), fazendo inserir no texto termos mais soantes e menos decentes. No folheto com que a Sociedade Bíblica do Brasil apresenta a sua nova revisão faz-se referência a T. Boys, mas sem mais informação. A versão de Boys é afinal uma das primeiras revisões a que o texto de Almeida tem sido sujeito, às quais já dificilmente se poderá chamar « Almeida ». Nem a primeira, feita longe das vistas do tradutor, do que ele tanto se queixou, nem a nova, de 1952...



"Quando consagro um varão piedoso e erudito ao ministério e categoria de Bispo na Igreja de Deus, eu não actuo como representante da Igreja, entendendo por Igreja o conjunto dos cristãos actuais; mas actuo como instrumento ministerial de Cristo no Seu Corpo, a Igreja. A autoridade pela qual actuo, é Sua e foi-me transmitida mediante os Seus Apóstolos e aqueles a quem os Apóstolos a confiaram. Mantenho essa autoridade, não da parte da Igreja, nem tão pouco à parte da Igreja, mas como recebida de Cristo, na Igreja".

Arcebispo W. Temple

(Christian Unity and Church Reunion,
1843, pp. 18 e 19)

Orientação Divina

AQUELES a quem Deus tem chamado para realizar a Sua obra não tem faltado absoluta orientação. Em meio de muitas adversidades, julgadas insuperáveis não raro, erguem-se os triunfantes, surpresos de resultados inesperados em suas actividades.

Para além das suas possibilidades estão os planos do Altíssimo; para aquém delas as dúvidas e incertezas do homem falível ou comodista. Mas, os que compreendem que Deus deles precisa, para enviá-los a determinadas tarefas ou incumbências, atiram-se com denôdo e desassombro ao cumprimento do dever determinado. Alegar incapacidade, incompetência ou desajuste, ou ser "tardo de língua", para realizar a tarefa que lhe foi deferida por Deus, é não apenas incredulidade, mas verdadeiro crime contra quem tudo prevê e orienta nesta nossa vida terrenal.

Se os homens, para uma qualquer incumbência provinda de Deus, tivessem que atentar para seus valores e poderes, julgarem os "pró" e os "contra" do seu sucesso, poderiam contar, desde logo, com a sua derrota a mais fragorosa. Nenhum homem é vitorioso pelos seus próprios recursos; só Deus lhe poderá proporcionar o triunfo, concedendo-lhe as armas precisas para a luta e a certeza da vitória.

Nehemias, o copeiro-mór de Artaxerxes Longimano, varão temente a Deus e exilado de Israel no reino persa, poderia considerar-se incapaz de realizar, por si só, a obra que se esboçara na sua mente, logo depois de receber más notícias de Jerusalém. E o rei, a quem servia o vinho naquele dia para ele memorável, não só lhe deu a licença desejada para ir à sua terra, mas ofereceu-lhe tudo quanto precisasse para a longa e perigosa viagem que teria de empreender. Suas orações fervorosas, a favor do seu povo e de sua terra, foram a causa de desenvolver-se em sua mente o plano gigantesco da reconstrução de Jerusalém. Suas orações moveram o coração de Artaxerxes, deram-lhe a coragem, a força e o desassombro para enfrentar a obra. Considerasse Nehemias suas forças, suas possibilidades, e recuaría

mesmo em face às ajudas do rei e aos próprios recursos de que poderia dispor. Mas o copeiro-mór de Artaxerxes reconheceu haver sido o grande plano architectado pelo seu Deus; sentiu que por Ele era enviado a tamanho empreendimento e que nada lhe faltaria para o sucesso. Por isso, com toda a coragem e fé, com a certeza de que era orientado divinamente, cavalgou confiado para a sua Jerusalém e, lá chegando, visto tudo como se encontrava, preparou-se para iniciar a obra que Deus lhe entregara e o orientaria a executá-la. Em pouco, os muros de Jerusalém se erguíam portentosos, escudando-a contra a infiltração ou os ataques dos seus inimigos. E Nehemias era apenas um copeiro...

O Senhor entrega a cada um qualidades e energias que suprem as deficiências alegadas. Recursos especiais miraculosamente trazidos às nossas possibilidades, visão patética da obra com plenitude de sucesso, destemor de entraves ou influências contrárias, são-nos trazidos a tempo próprio, assegurando-nos o triunfo na obra. Mas, tudo representado pelo trabalho da fé, da certeza de que somos orientados e dirigidos por Quem nos entregou os planos e por Quem architectou a obra e por Quem no-la confiou.

Instrumentos nas Suas mãos para tarefas que nos dizem respeito ao arregimentar de transviados aos pés da Cruz do Salvador, creiamos sempre no poder, nas discriminações de nossa actuação, nos processos que de cima nos ocorram, influenciando em nossa disposição, e rumemos confiadamente ao cumprir da incumbência, convencidos de que somos enviados, não nos sendo permitido nem recuar nem descreer do sucesso.

Quantos se ergueram contra o plano que Nehemias executava, foram impotentes para conseguir que se descontinuasse. Quantos se levantarem para perturbar a obra que, por Deus, somos incumbidos de realizar, baixarão suas armas incapazes de interrompe-la, e isso pelo só único facto de que Deus orienta, dirige e protege àqueles a quem envia.

Rio de Janeiro, 10/3/1952.

Rev. Euclides Deslandes

(da Igreja Episcopal Brasileira)

O que somos

DIZÍAMOS no último número, que em virtude da Igreja Lusitana se afirmar Católica, Apostólica, Evangélica, bastava, para definir a sua posição, expôr o sentido nela atribuído áqueles três termos.

Explicamos os motivos que levavam a Igreja Lusitana a entitular-se **Católica**; depreende-se desses mesmos motivos por que ela se considera também Apostólica:

Professa a Fé dos Apóstolos, possui os Sacramentos que os Apóstolos transmitiram, e tem um Ministério que deriva a sua autoridade da dos Apóstolos, por uma sucessão episcopal histórica, única legítima, na opinião universal da Igreja indivisa dos primeiros séculos — cujo consenso determinou o Canon do Novo Testamento.

Que pretende porém a Igreja Lusitana ser, ao afirmar-se **EVANGÉLICA**?

A Igreja Lusitana diz-se **Evangélica** porque pugna pela Reforma Religiosa segundo os princípios do Evangelho. Cremos de facto que a Igreja de Deus necessitou e necessita de um constante reajustamento aos ensinamentos de Cristo e dos Seus Apóstolos.

Este reajustamento torna-se necessário, não só por razões de ordem íntima, em virtude da usual tendência humana dos seus membros se afastarem da norma divina, mas também por motivos de ordem externa, dadas as modificações constantes do meio ambiente. É indiscutível que perante as sucessivas transformações sociais, por exemplo, a Igreja carece de rever a sua posição; não porque tenha sempre de se acomodar a uma nova ordem de coisas, ou tão pouco porque haja por sistema de se lhe opôr, mas para cumprir com eficiência aquela missão de "sal da terra e luz do mundo" que o seu divino Fundador lhe designou. Para essa missão de santificar e orientar o pensamento contemporâneo, a Igreja tem de actualizar o seu próprio pensamento. Tem de se reformar para poder reformar. Ai do ramo da Igreja Cristã em que essa tensão de reforma desapareceu! Caíu no "rico sou... de nada tenho falta" de Laodicea e incorreu na mesma condenação.

Essa reforma, ao contrário do que muitos julgam, tem sobretudo um sentido positivo. Não consiste tanto em combater erros que tenham

adquirido foros de dogma, como em reafirmar verdades que porventura hajam sido esquecidas ou desvirtuadas. Foi o que sucedeu no século XVI de forma crítica e estrondosa. A força religiosa da Reforma não esteve em negar a supremacia do Papa, em abolir o culto em latim, ou em permitir o casamento dos sacerdotes, embora tudo isso tivesse a maior importância. O segredo da sua força espiritual, renovadora, foi antes a **afirmação** de três grandes valores que nunca haviam sido negados de maneira formal, mas que tinham desaparecido quase por completo da consciência religiosa da época:

- a) — A obra redentora de Cristo como "**satisfação perfeita suficiente** pelos pecados de todo o mundo".
- b) — A Bíblia como regra suprema de fé e de procedimento, "**Palavra de Deus, viva e eficaz**", que pode e deve ser lida e conhecida por todos os fieis.
- c) — O direito do livre acesso do pecador a Deus, sem necessidade de qualquer intermediário que não seja Jesus Cristo, único mediador entre Deus e os homens.

Nem todos os corolários que se fizeram derivar destas verdades fundamentais, foram razoáveis. Alguns foram já abandonados, outros estão em via de o ser; tudo isso tem sido **Reforma**. Mas aqueles três fulcros do Movimento do século XVI continuam a ser as três grandes bases de todas as confissões Reformadas. A Igreja Lusitana, tanto na sua Liturgia como nos seus artigos de fé, afirma essas três verdades com toda a clareza; se como Católica e Apostólica, ela dá toda a importância à continuidade da doutrina e na prática e ao significado orgânico da Igreja, como Evangélica, ela põe toda a ênfase na necessidade de uma fé pessoal, de um contacto individual com Deus.

A Reforma porém, para nós, não tem apenas uma orientação anti-medieval, digamos. Podem-se dar e têm-se dado graves desvios da Verdade Evangélica no sentido oposto. A indisciplina individualista, causa de inúmeras divisões tão ridículas como escandalosas; o racionalismo orgulhoso que, havendo começado por negar a graça sacramental, acabou por pôr em dúvida todo o elemento sobrenatural do Cristianismo; a banalização irreverente que, sob o disfarce de "simplicidade", despreza e escarnece tudo quanto ha de belo,

(Conclui na pág. 12)

NO ÁTRIO

Comemorações próximas

- 25 de Julho: Dia de Sant'ago Ap. e M.
6 de Agosto: Dia da Transfig. de Nosso Senhor.
24 de Agosto: Dia de S. Bartolomeu Ap. e M.

NA NAVE

HINOS DA ÉPOCA

(Comemorando a Natureza em Festa)

TUDO NOS FALA DE ELE

Música de Mozart (1756-1791)
"Psaumes et Cantiques", de Laufer, 21

1. *Com vozes amadas*
Entoam louvor
As coisas criadas
Ao seu Criador.
Excelso concerto
Então sobressai
Ao Deus que está perto,
Que é Dono, e que é Pai.
2. *O tempo mais doce,*
Brilhante verão,
Se Teu dom não fosse
Seria em vão.
Largueza infinita!
É bom perceber
Que a mão tão bendita
Sustém cada ser.
3. *O enxame sidéreo*
Das noites de Abril,
A sombra, o mistério
Do bosque gentil,
O mar que murmura,
A flor que sorri,
Em doce ternura
Nos falam de Ti.
4. *Assim, Deus Supremo,*
Permite que nós,
A dom tão extremo
Ergamos a voz.
A Ti, santa Fonte
Da graça sem par,
Curvamos a frente
A fim de adorar.

(Na Festa da Transfiguração)

MINH'ALMA CLAMA A TI

Música de H. A. Jeboult (1871-1925)
"Santa Maria Madalena", in
"Cantate Domino", n.º 10

1. *Senhor: do pó de que fui feito,*
Minh'alma clama a Ti.
Eu sei que habitas no meu peito,
Que estás, Senhor, aqui.
2. *Não quero a sombra que perpassa*
Fugaz, sem luz nem cor.
A Ti eu quero, à Tua graça,
Só quero o Teu amor.
3. *Anseios vagos — considero —*
Eu tive já por meus.
Falar-Te e ouvir-Te agora eu quero:
Sentir e ver meu Deus.
4. *Arder eu quero no Teu fogo,*
Por Tua Luz brilhar,
Ter Teu desejo no meu rogo,
Por Teu amor, amar.
5. *Visão alegre, a mais querida,*
Minha oração, aqui,
É só viver da Tua vida,
P'ra Ti, por Ti, em Ti!

HINO HUGUENOTE

(Em recordação da matança de S. Bartolomeu.
Letra inspirada na do autor da letra original
e da música, F. Ambresin (1822-1899).
"Laudemus", n.º 48)

1. *Vitorioso! é o grito singelo*
Mas formidável, na perseguição,
Pois o triunfo, que era o nosso anelo.
Deu-no-lo Cristo com a Redenção.
2. *Sigamos Cristo, que aos Seus nada aterra,*
Nem o Calvário, nem morte de horror,
Pois se sofremos com Ele na terra,
No Céu vencemos com o Vencedor.
3. *A baixa injúria do mundo afrontemos*
Ao confessar nossa fé de Cristão.
Nossa esperança no Cristo afirmemos,
Que "a esperança não traz confusão".
4. *Amigos, crede naquele prodígio*
Que dá aos crentes estranho poder.
A fé concede-o, mas o amor exige-o,
Mudando tudo num novo viver.

Versão feita na Baviera
em 12-VI-23

E. M.

O PROBLEMA

DA

FAMÍLIA CRISTÃ

O individualismo da acção posterior à Reforma do século XVI, que talvez se deva chamar a Ultra-reforma, tem sido o grande óbice que, pelas paixões humanas, resistentes à conversão, foi posto ao desenvolvimento da Igreja de Cristo. Mesmo já a primeira geração da Reforma, no continente europeu, ao rejeitar o projecto de Cranmer para a convocação dum concílio geral que respondesse ao concílio cismático de Trento, demonstrou praticamente como a pugnacidade da carne sobrelevava a pacificação nascida do espírito, e destinada à bem-aventurança, na gloriosa palavra do Sermão do Monte: "Bem-aventurados os pacificadores..."

Se esse concílio se tivesse reunido, e o Espírito de Deus, e não as mesquinhas paixões de seita, nele se manifestasse, não teria hoje a Igreja de Cristo mais um forte argumento contra a dissidência de Roma? Assim, muitos se contentam em negar a "visibilidade" da Igreja Universal, e fazem dela uma espécie de **Igreja-fantasma**, perdoai-me a simile; outros negam a sua existência simplesmente, e acolhem-se ao "desporto" das igrejas locais sem vínculo, em perpétua luta, luta que traz, sem dúvida, aparências de vida, mas não traz, afirmo, a verdadeira vida, que é amor, em primeira análise: amor que promove justiça, justiça que fundamenta a paz e o progresso simétricos.

A solução mais nobre a que se chegou foi a de que a Igreja é uma árvore **visível**, de ramos vários procedentes dum mesmo tronco. Mas quantos ramos estão esgalhados, ou quantos ramos se supõem destroncados... E a afirmação de que o Bispo de Roma, ao declarar-se bispo universal, criou o cisma, atinge muitos outros ramos que criam outros papados — de via reduzida, é certo, de tradições menos famosas, sem dúvida, de orgânica diferente, convenhamos, mas "papados" também.

A falta de unidade total, de alvo, de método, de comando, fez com que o desenvolvimento se processasse em muitos casos anormalmente. Um grupo enfatizou um aspecto que outros esqueceram,

e desenvolveu-se no sentido da sua ênfase. Outro grupo num outro sentido, com outro desenvolvimento. Isso produziu uma hipertrofia local, uma desarmonia de conjunto.

Tudo isto havia de trazer consequências desastrosas, já no indivíduo, pela tentação que lhe oferecia, porém mais na igreja local e na família.

Os três pecados canónicos da velha Igreja Católica eram o assassinato, o adultério e a heresia, porque cortavam os três vínculos de Deus: o de corpo e alma no ser individual, o do santo matrimónio na família, e o do "mesmo sentimento", da "mente de Cristo", na Igreja. Todavia, se esses são a consumação pecaminosa, em grau superlativo, contra as três criações divinas, Indivíduo, Família e Igreja, são evidentemente muito condenáveis todos os atentados contra elas, como sejam a difamação e o insulto contra o indivíduo (S. Mateus 5:21 e 22), a intriga e a sedução contra a família (S. Mateus 23:14) ou o cultivo do espírito de dissidência na Igreja (1.ª aos Coríntios 3:3 a 5).

Ora tudo isto veio a propósito do problema da família cristã, que não é só um problema português, mas geral. Ainda em 13 de Maio deste ano, no primeiro relatório social das Nações Unidas, se apontava como um dos problemas básicos do Médio-Oriente, o 2.º na ordem dada, "a desintegração do tradicional espírito de família e o declínio da autoridade patriarcal".

Como resolver tal problema?

Só o verdadeiro apelo ao indivíduo para a santidade pessoal revigora a Igreja, e só uma igreja espiritualmente forte promoverá o ambiente cristão na família, que se perpetue de uma geração a outra.

Iniciemos aqui uma singela análise da família cristã reformada em Portugal, pelo lado positivo, assunto vasto e melindroso, que nem por isso deve de ser descurado, mas o qual agora mal afluiremos.

A acção edificante das famílias cristãs reformadas, em Portugal, tem sido, num sentido geral, precária, em razão da falta de pastores que não tenham de repartir o seu tempo pelas ocupações do século; e do não recrutamento ou consagração de diaconisas que auxiliam o trabalho de visitação; e ainda do esquecimento das viúvas, que o Apóstolo inspirado pelo Espírito, queria ver amparadas; assim como das hesitações ou dos excessos nas actividades dos departamentos de adolescentes

e de jovens, os quais, ou são ignorados por vezes, ou outras vezes são lisongeados nas suas naturais tendências, claro que com as melhores intenções.

As virtudes que podemos encontrar em famílias cristãs são, em geral, as virtudes dos indivíduos ou de alguns indivíduos que delas fazem parte. Pouco mais do que isso. As virtudes colectivas, essas por vezes são postergadas, como sejam o ambiente de família cristã, a Bíblia ocupando um lugar central no Lar; o culto doméstico como cena de paz, que um dia Ramalho descreveu acerca dos cristãos "boers"; o Domingo sereno, de verdadeiro repouso e recreio moral, que deixará gratas recordações, até à velhice, daqueles que são agora jovens; o acúmulo de tradições, ligadas indissolúvelmente a frases, a objectos, a pessoas, a circunstâncias que se repetem pela vida fora.

É lamentável que famílias onde o Evangelho, morigerador e estimulador do bem, foi causa evidente da bênção de Deus, e até do progresso económico dos seus chefes, apresentem, ao fim de duas ou três gerações, sinais de arrefecimento ou de afastamento do Ideal santo que as vinculou, e a que devem tudo. Porque, notemos, não é nunca o dinheiro que vincula as famílias (pelo contrário, tantas vezes), nem a sabedoria ou a força física tem esse poder. Só as verdades do Evangelho, em ambiente do Evangelho, podem fazer perdurar a família — com letra grande — instituição vinda de Deus e mantida em Deus. As virtudes cristãs, cultivadas em gerações sucessivas pela Igreja Católica Romana, chegaram para dar à família em Portugal condições de persistência. Fica-nos bem confessá-lo. A revivescência pagã que sofremos desde muitos anos provocou a dissolução da família, observada pelo sociólogo belga Leão Poincard, no seu já velho livro "Portugal Desconhecido".

Por nosso lado, o individualismo exagerado que em certos grupos protestantes se cultiva têm produzido "santos cristãos" e "heróis sociais" admiráveis, que, todavia, mau grado as suas virtudes pessoais, se não tornaram o tronco de árvores frondosas, de ramos viridentes e frutíferos. Entretanto, quando vemos filhos e netos esforçarem-se por bem representar as virtudes que os fizeram nobres e sabedores, ricos e prestigiados, e não paupérrimos parasitas de glória que não merecem, o nosso coração rejubila e a nossa alma louva o "Ancião de Muitos Dias" que unge de graça as nossas humildes tradições.

NA SEARA

Igreja de S. Pedro

ESTA velha e respeitável congregação lisboeta, cujos ministros são os Revv. Josué Ferreira de Sousa e Josué Ferreira de Sousa Júnior, conseguiu, no princípio do ano, um importante melhoramento, construindo um salão anexo ao seu templo. Com donativos arrecadados pacientemente ao longo de vinte anos, e por meio de quotização regular da "Actividade Cristã", cumprindo salientar o consagrado auxílio financeiro do falecido irmão Jacinto Coelho que, não sendo rico, foi o maior contribuinte para estas obras, pôde-se levar a efeito alguns concertos no templo e cobrir quase completamente a verba orçamental para a edificação, vinte e oito mil escudos. O deficit actual, Esc. 3.500\$00, e o custo de alguns novos melhoramentos ainda necessários, esperam os interessados obtê-los pelo seu próprio esforço e por ofertas de amigos.

Seminário Teológico de Carcavelos

Encerrou em 6 de Junho um novo ano lectivo esta útil e progressiva instituição, em cujo corpo docente a Igreja Lusitana tem estado representada por D. Felícia Fiandor dos Santos Esperança e o director de ECCLESIA. De lamentar é que no corpo discente não tenhamos ali nenhum representante, que de boa vontade seria aceito, como o tem declarado o ilustre Deão, Rev. Dr. M. P. Testa. No novo ano lectivo haverá um aluno na Faculdade de Teologia de Estrasburgo, para obter a sua licenciatura, o pastor Augusto A. Esperança, ao tempo que regressará de Mompilher o licenciado Paulo Santos Mendes; e além de um certo número de novas matrículas, seguirão o curso onze jovens.

Publicações do Sínodo da Igreja Lusitana

ainda em depósito:

"Esboço Histórico da Igreja Lusitana"	2\$50
"Livro de Oração Comum" 3. ^a ed., E.	20\$00
Catecismo para alunos das escolas pr.	2\$50
Calendário da Igreja para 1952 . . .	3\$50

LAUDA POÉTICA

APÓLOGO DE HOJE

(a propósito do que disse Teodoro de Bêze: ser a Igreja uma bigorna que tem gasto muitos martelos...)

*Alguém juntou à foice denteada,
Recurva, aguda, esbelta, feminina,
O martelo viril, de face irada,
Com três gumes brutais em cada esquina.*

*Juntou-os num conjunto assás galante:
Ergue ela o braço, em jeitos de bailado.
Parece que protege o seu amante,
Carinhosa, solícita, a seu lado.*

*Fechei os olhos para ouvir, curioso,
O seu dialogar, intimamente.
(Que as coisas também falam; é forçoso.
E por vezes melhor que certa gente...)*

*No que entre si conversam há um escopo,
Um fim moral, e de moral perene.
Vede-o, amigos, já no velho Esopo,
Em Ágripa e em Fedro, e em La Fontaine).*

*“Querido martelo: que é que te entristece?
Porque não me sorris? Quanto te quero!
O meu amor por ti não arrefece.
O meu desvelo para ti é zero?”*

*Não estremece, não respondes nada,
Não tens um gesto, um só, de recompensa?”
— “Eu te agradeço, ó cara camarada;
Não sou tão bruto como o mundo pensa.*

*Tem jus inteiro à minha confiança
Quem tão franca me trata por amigo.
Mas é fatal a sorte que me lança
Numa dor tal que vai morrer comigo.*

*Muitos martelos já têm procurado,
Ferozes, destruir certa bigorna
Que achamos instrumento antiquado,
Pois dum velha e rude cruz se exorna.*

*Quantos, nem sei. E vão-se desgastando
No esforço vão que a História Humana peja.
Já me parece o intuito miserando;
Não se consegue amachucar a Igreja!*

*Por mais que eu bata, forte e persistente,
Ó cara camarada, como viste,
Na ponta do Oriente ou do Ocidente,
A vetusta bigorna ainda resiste”.*

*Abri os olhos; a conversa foi-se;
Aos meus ouvidos o rumor não torna:
Vejo silentes o martelo e a foice,
Mas radiante e bela eis a Bigorna!*

Eudaro Carmelino

RESPIGOS

O SACERDÓCIO CRISTÃO

É usual afirmar-se que o Novo Testamento nunca designa o ministro cristão como sacerdote. Todavia isto não é bem exacto. S. Paulo na Epístola aos Romanos fala do Ministério Apostólico como de um sacerdócio (aos Romanos c. 15 v. 16) embora em grande número de versões este sentido não apareça com clareza. A "Revised Standard Version" de 1946, traduz assim: "Para que seja ministro de Cristo Jesus entre os gentios, no **serviço sacerdotal** do evangelho de Deus, para que a oferta dos gentios seja aceitável, consagrada pelo Espírito Santo". De modo análogo havia vertido este passo a Versão Sinodal francesa. Moffatt traduziu: "Para que seja sacerdote de Cristo Jesus entre os gentios...".

O Prof. C. H. Dodd, faz, numa sua obra, um comentário a este versículo que achamos curioso citar, visto ser uma autoridade de reputação inter-confessional, e por se tratar de um congregacionista, e portanto insuspeito de tendências anglo-católicas:

"(Paulo) é um sacerdote de Cristo entre os gentios e seu propósito é tornar os gentios uma oferta aceitável, consagrada pelo Espírito Santo. Ele já havia dito que ser membro da Igreja, o Corpo de Cristo, implicava a dedicação dos nossos Corpos como sacrifício vivo, consagrado e aceitável a Deus, (aos Romanos c. 12 v. 1). Tanto quanto a pregação do Evangelho e o cuidado pastoral pelas Igrejas dos gentios promovem este sacrifício, ele está a exercer um ministério sacerdotal.....

Neste sentido espiritual mas verdadeiro, o Ministério Cristão é um ministério sacerdotal.....

À medida que o sistema sacramental da Igreja se desenvolveu, o sacerdócio do ministro adquiriu uma conexão mais particular com a sua administração do Sacramento da Ceia do Senhor. Visto que esse sacramento, como Paulo o concebia, é uma participação do Corpo (místico) de Cristo, ele dá uma forma visível apropriada, ao acto espiritual da consagração a Deus, e a parte desempenhada pelo ministro dá do mesmo modo forma visível à sua função sacerdotal dentro da Igreja.

É quando se esquece, ou relega para plano secundário, a oferta que a Igreja faz de si própria, associada ao Sacrifício de Cristo, que surgem os abusos do sacerdotalismo ("The Epistle of Paul to the Romans" 12.ª Edição, pp. 226 e 227).

Como porém diz noutra lugar o Prof. Dodd "o sacerdócio ministerial neste sentido paulino não exclui o sacerdócio de todos os crentes"; tão pouco este exclui aquele. S. Pedro, quando chama aos fieis "Sacerdócio real e nação santa", está a citar uma passagem do Exodo (c. 19 v. 6), o mesmo livro onde se estabelece o sacerdócio de Aarão e de seus filhos.

O sacerdote cristão não é, contudo, um intermediário entre Deus e os fieis. A sua missão é pôr os fieis em contacto directo com Deus.

Ao celebrar os santos Mistérios, ele leva o o povo até Deus. No seu ministério autorizado da Palavra e válido dos Sacramentos, ele traz, por assim dizer, Deus até ao povo. Não é um mediador; é um servo do povo e um instrumento de Deus. É todavia um servo humano com autoridade divina; e um instrumento divino com personalidade humana.

L. R. P.

Forum

CUMPRIDAS as formalidades estabelecidas e encontrando-se nas condições favoráveis para o cargo requerido, foram nomeados pela Presidência do Sínodo, como Leitores Litúrgicos na Igreja Lusitana, em Vila Nova de Gaia, os prezados irmãos, António de Almeida Barros, da Igreja do Bom Pastor, no Candal, João Soeiro e Francisco Mário Varela da Silva, da Igreja de S. João Evangelista no Torne.

O primeiro é um muito antigo e consagrado cooperador na sua Congregação e os outros dois, educados desde a infância na Igreja de S. João Evangelista, embora dos mais jovens, foram alunos com boa classificação do Curso Preparatório de Obreiros que nessa Igreja funcionou nos anos de 1935 a 1937, vindos do qual foram instituídos dois dos actuais Diáconos, e nomeados dois Evangelistas, um deles já com o Senhor.

Estes novos Leitores Litúrgicos receberam solenemente as suas Cartas de nomeação nos Serviços Divinos da manhã, respectivamente no Domingo de Ramos, em 8 de Abril e no Domingo da Santíssima Trindade, em 8 de Junho.

Deus guie e abençoe estes novos servos da Igreja para que em tudo glorifiquem o Seu Santo Nome e O sirvam sempre com devoção Espiritual.

O LIVRO

E OS LIVROS

— NUM país com tão elevada percentagem de analfabetismo — cremos que a maior da Europa, apesar de todos os esforços oficiais, muito apreciáveis — é natural que o meio se ressinta, em geral. Por isso nós afirmamos que até pessoas cultas são em grande medida "analfabetos de sentimento", queremos dizer, desprezam ou menosprezam as letras. Até os protestantes, historicamente um produto da invenção da Imprensa, em grande parte da sua actividade, no nosso país procedem para com a página impressa como se ela fosse instrumento vil, pelo menos muito secundário. Talvez por essa razão o seja; talvez... Quantas vezes o desprezado se torna um tanto digno de desprezo, por falta de estímulo e de ambiente!

— Do nosso amigo e colaborador sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, recebemos e agradecemos uma "Nota Clínica sobre um foco de febre "Q", separata da "Gazeta Médica Portuguesa", 4.º trim. de 51, que nos parece ser o 11.º trabalho médico no "curriculum vitae" do seu Autor.

— Recebemos também "The Glorious Liberty", relatório popular de 1951 da Sociedade Bíblica de Londres; "A Educação dos Cegos e a sua recuperação para a vida", pelo prof. J. de Albuquerque e Castro, e "Ensaio de combate à mortalidade infantil em Castelo Branco", pelo Dr. José Lopes Dias, ambos os op. editados pela Liga de Profilaxia Social; e ainda alguns pequenos folhetos: "Breve história da Evangelização entre os Portugueses nas ilhas Bermudas", por J. P. Santos, "O Tempo", por G. W. Oliveira, e uma reedição anónima de "A Religião Evangélica perante o Público", datada de 1952, que esperamos verificar se vem conforme a edição original de Miguel Torres, o talentoso pastor português no Brasil.

— O volume de conferências e teses do "Primeiro Congresso Evangélico Pan-americano", que chegou agora às nossas mãos e igualmente agradecemos, traz muita matéria digna de exame, o que esperamos fazer. Mas a páginas 156 vemos uma cómica acusação (pouco abonatória deste trabalho) feita

ao Bispo metodista Oxnam, suspeito a um zeloso orador por ter empregado três vezes a palavra "comum"... adjectivando "a fé", "um propósito" e "um acto". Cómico? Mas triste, ao mesmo tempo.

— Recebemos também a interessante folha "Uma brecha na muralha fundamentalista", do rev. Haroldo H. Cook.

— Temos recebido desde Janeiro a revista mensal de Londres "Theology", que vem recheada de estudos sérios e profundos, de leitura aliciante.

— Já temos o n.º 9 de "As Sentinelas", simpático boletim do Núcleo Campista "As Sentinelas", anexo à Igreja Lusitana de S. Mateus, em Vila Franca de Xira. É um prazer a sua leitura. Avante, moços!

— Estamos também recebendo "O Clarim", periódico editado pela Paróquia da "Transfiguração", do Rio de Janeiro, da Igreja Episcopal Brasileira. Também porfim recebemos desde Agosto, em permuta que muito nos honra, o órgão da Igreja Episcopal Brasileira "Estandarte Cristão". Entre os outros periódicos do Brasil que nos honram com a sua visita, devemos distinguir "Bíblis", excelente revista de cultura bíblica, "Cristianismo", órgão de renovação espiritual, "Arauto Cristão", contudente jornal de controvérsia com Roma, e "A Bíblia no Brasil" que irregularmente nos aparece e nos informa da grande obra de difusão da Palavra de Deus.

(Conclusão da pág. 6)

solene e edificante na experiência e na prática dos séculos passados, são outros tantos males por cuja reforma a Igreja Lusitana combateu e combate, visto ser seu lema "Verdade Evangélica — Ordem Apostólica".

Contudo, além de reformada, a Igreja Lusitana é uma Igreja Reformadora; existe, como já alguém escreveu, "em função da reforma da Igreja Católica Portuguesa". Por essa reforma ela ora diariamente, na liturgia, continuando a pedir a Deus, como fizeram os seus restauradores de 1880, "que abençoe todos os esforços empregados na propagação do puro Evangelho do nosso Salvador; e que finalmente, levante um movimento nacional pelo qual todas as congregações reformadas do país se liguem pelo amor e pela harmonia..."

L. R. Pereira.